

# A COLECCÃO COLONIAL DA CINEMATECA

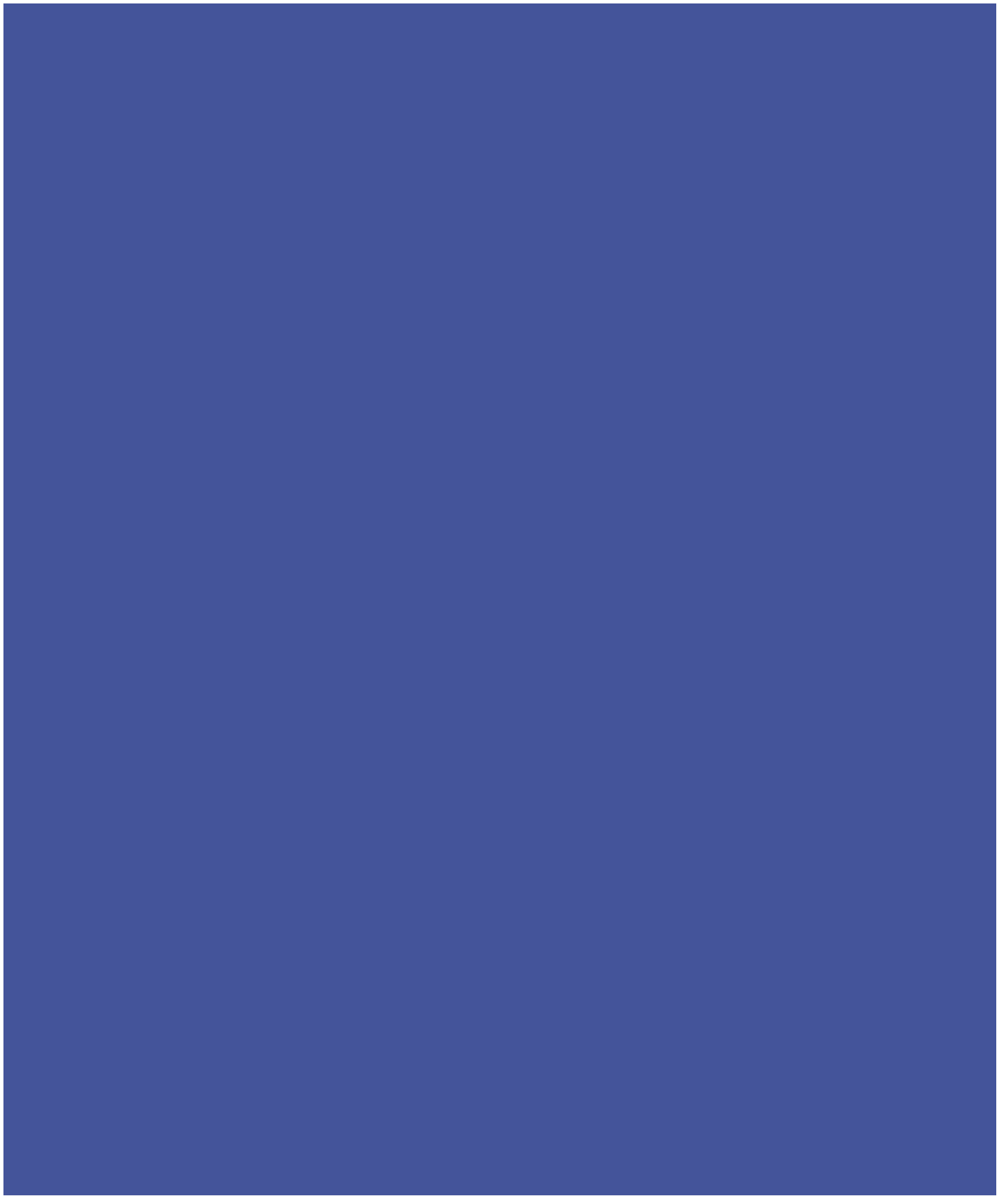
Campo,  
contracampo,  
fora-de-campo

Edição  
MARIA DO CARMO PICARRA



  
cine  
clube  
VISEU

**Aleph** Acção e Investigação Crítica da Imagem Colonial



# A COLECCÃO COLONIAL DA CINEMATECA



## Campo, contracampo, fora-de-campo

### **Título**

*A colecção colonial da Cinemateca.  
Campo, contracampo, fora-de-campo*

E-book editado na sequência da rubrica de programação "Colecção colonial da Cinemateca: campo, contra-campo, fora de campo" apresentada pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema em colaboração com a Aleph – Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial em 2015 e 2016.

### **Autores**

Maria do Carmo Piçarra, José da Costa Ramos, Catarina Simão, Teresa Castro, Paulo Cunha, Jorge Cruz, Ansgar Schaefer, Catarina Laranjeiro, Luís Bernardo, Marissa Moorman, Patrícia Ferraz de Matos, Leandro Mendonça, Livia Apa, Inês Cordeiro Dias, Raquel Schefer, Rui Lopes, Tiago Baptista.

©Autores, Cine Clube de Viseu, Aleph – Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial, Poejinhos, 2018.  
Reservados todos os direitos.

### **Concepção e coordenação**

Maria do Carmo Piçarra

### **Capa e paginação**

Miguel R. Cardoso

### **Fotografia de capa**

*Íle*, René Ginét  
©Colecção Cinemateca Portuguesa

### **Cine Clube de Viseu**

Rua Escura 62 3500-130 VISEU  
[cineclubeviseu.pt](http://cineclubeviseu.pt) [geral@cineclubeviseu.pt](mailto:geral@cineclubeviseu.pt)  
232 432 760

**Aleph – Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial**  
[redaleph@gmail.com](mailto:redaleph@gmail.com)

ISBN 978-989-20-8696-5 Edição Julho de 2018





© Coleção Cinemateca Portuguesa

Í N D I C E

14

ANIMar o arquivo, re-imaginar o colonialismo

MARIA DO CARMO PICARRA

18

A colecção colonial da Cinemateca.  
Campo, contracampo, fora-de-campo

MARIA DO CARMO PICARRA

Sessão 25 de Janeiro de 2015

*Streets of early sorrow* (Manuel Faria de Almeida, 1963)

*Monangambé* (Sarah Maldoror, 1968)

*Um safari fotográfico nas coutadas da Safrique* (Manuel Faria de Almeida, 1972)

*Le Portugal d'outre mer dans le monde d'aujourd'hui* (Jean Leduc, 1971)

30

Diamang: “a luz festiva e policial”

JOSÉ DA COSTA RAMOS

Sessão 9 de Julho de 2015

*O romance do Luachimo — Lunda, terra de diamantes* (Baptista Rosa, 1968)

42

Olhar para a história mais do que uma vez:  
notas sobre um filme moçambicano de Ruy Guerra,  
*Mueda, memória e massacre* (1979-80)

CATARINA SIMÃO

Sessão 9 de Setembro de 2015

*Mueda, memória e massacre* (Ruy Guerra, 1979-80)

58

*Nossos irmãos, os africanos: lusotropicalismo e propaganda*

TERESA CASTRO

Sessão 21 de Outubro de 2015

*Nossos irmãos, os africanos* (Ed Keffel, 1963)

68

Cinema de amadores na “África Portuguesa”

PAULO CUNHA E JORGE CRUZ

Sessão 19 de Novembro de 2015

*Carnaval do Lobito* (Vieira da Silva, 1973)

*Mercado: Mussulo* (Francisco Castro Rodrigues, 1972)

*Angola n.º3* (Francisco da Piedade Vaz, ano desconhecido)

*O pescador* (Sérgio Guerra, 1958)

*Aloha e o tesouro das Fiji* (Sérgio Guerra, 1960)

*As aventuras do cavaleiro negro* (Sérgio Guerra, 1956)

76

A decisão de continuar em África

ANSGAR SCHAEFER

Sessão 16 de Dezembro de 2015

*Angola — decisão de continuar* (Vasco Hogan Teves, 1961)

*Decisão de continuar* (Francisco Castro Rodrigues, 1964)

92

*Acto dos feitos da Guiné: o início e fim da história*

CATARINA LARANJEIRO E LUÍS BERNARDO

Sessão 5 de Janeiro de 2016

*Acto dos feitos da Guiné* (Fernando Matos Silva, 1980)

108

Estado, nação, arquivo: três curtas  
de Ruy Duarte de Carvalho

MARISSA MOORMAN

Sessão 10 de Fevereiro de 2016

*Geração 50* (Ruy Duarte de Carvalho, 1975)

*Uma festa para viver* (Ruy Duarte de Carvalho, 1975)

*Como foi, como não foi* (Ruy Duarte de Carvalho, 1977)

# 118

*Angola, uma nova Lusitânia:*  
um filme de propaganda colonial

**PATRÍCIA FERRAZ DE MATOS**

Sessão 31 de Março de 2016

**Angola, uma nova Lusitânia** (António Lopes Ribeiro, 1940)

# 132

Moçambique: criar a nação com  
música e projectá-la através do cinema

**MARIA DO CARMO PICARRA**

Sessão 19 de Abril de 2016

**Música, Moçambique!** (José Fonseca e Costa, 1981)

# 146

Outras percepções históricas sobre  
três filmes do cinema (pós)colonial

**LEANDRO MENDONÇA**

Sessão 2 de Maio de 2016

**Regresso à terra do sol** (José Fonseca e Costa, 1967)

**A independência de Angola — os acordos de Alvor**

**A independência de Angola — o governo de transição**

(António Escudeiro, José Fonseca e Costa 1977)

**Angola, terra do passado e do futuro** (António Escudeiro, 1973)

# 160

Notas à volta de *A costa dos murmúrios*

**LIVIA APA**

Sessão 9 de Junho de 2016

**A costa dos murmúrios** (Margarida Cardoso, 2004)

# 166

Modernidade e tradição no contexto colonial português:  
*O Zé do burro*, uma comédia à portuguesa em Moçambique

**INÊS CORDEIRO DIAS**

Sessão 27 de Julho de 2016

**O Zé do burro** (Eurico Ferreira, 1971)

# 178

Ficções de libertação:  
*O vento sopra do norte*, de José Cardoso (1987)

**RAQUEL SCHEFER**

Sessão 26 de Setembro de 2016

**O vento sopra do norte** (José Cardoso, 1987)

# 192

Orientalismo à Hollywood: *Macao* como ficção colonial

**RUI LOPES**

Sessão 7 de Outubro de 2016

**Macao** (Josef von Sternberg, Nicholas Ray, 1952)

# 202

Angola como espaço de fuga de Portugal

**TIAGO BAPTISTA**

Sessão 30 de Novembro de 2016

**A voz do sangue** (Augusto Fraga, 1958)

# 208

Fantasia luso-tropical: as (ex-)colónias  
vistas por olhares estrangeiros

**MARIA DO CARMO PICARRA**

Sessão 23 de Dezembro de 2016

**Île (São Tomé, jóia do império)** (René Ginot, 1935)

**Mayana** (Miguel Spiguel, 1958)

**Aquarelas da Índia portuguesa** (Miguel Spiguel, 1959)

**As ilhas de Cabo Verde** (J. N. Pascal-Angot, 1967)

**O recruta** (Jean Leduc, 1971)

**Monangambé** (Sarah Maldoror, 1968)

*Em memória de Joana Pimentel*

# ANIMar O ARQUIVO, re-imaginar o colonialismo

**MARIA DO CARMO PIÇARRA**

Aleph — Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial  
E-mail: [redealeph@gmail.com](mailto:redealeph@gmail.com)

A 21 de Janeiro de 2015 foi organizada, pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema (CP-MC) em parceria com a Aleph – Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial, a sessão “Colecção colonial da Cinemateca: campo, contracampo, fora de campo” que visou animar, em Portugal, um debate público sobre a preservação e o acesso ao acervo de imagens coloniais. O debate teve continuidade com a programação, por esta instituição e pela rede, de 16 sessões em que foram apresentados, entre Julho de 2015 e Dezembro de 2016, filmes nunca ou raramente mostrados da chamada colecção colonial depositada no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento (ANIM). Sempre com o apoio da direcção da Cinemateca, a organização foi coordenada por mim em articulação com Joana Ascensão e Tiago Baptista da CP-MC. Estas sessões foram apresentadas por especialistas em estudos filmicos ou em estudos culturais, alguns dos quais já com pesquisa feita sobre os filmes mostrados; outros, especialistas em cinema e/ou cinema colonial, foram convidados a apresentar obras articuladas com as suas pesquisas.

Visou-se, com esta iniciativa, agir no sentido de dar a conhecer o acervo de filmes coloniais existente e cujo visionamento tenho vindo a fazer no ANIM, beneficiando de uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência SFRH/BPD/93217/2013), mas também potenciar o seu estudo e uso também para fins artísticos, programação, etc. A criação da Aleph – Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial — que dinamizo no âmbito do projecto de investigação de pós-doutoramento “Cinema Império: Portugal, França e Inglaterra, representações do império no cinema” — animou o debate envolvendo informalmente investigadores, independentes ou integrados em centros de investigação, criadores, programadores e curadores além de estudiosos interessados genericamente em imagens (anti-) coloniais.

A Aleph assume uma componente de acção e investigação: articula e colabora com arquivos nacionais e inter-

nacionais detentores de colecções coloniais, procurando sensibilizar a sociedade e os Estados para questões como a acessibilidade dos arquivos e preservação das suas colecções; além da promoção de cooperação e partilha de conhecimento entre investigadores, quer promover a partilha de conhecimento em acesso livre numa plataforma de filmes (em criação). O primeiro arquivo nacional detentor de uma colecção colonial em articulação com a Aleph foi, pois, o da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, que viabilizou e organizou este série “Colecção colonial da Cinemateca: campo, contracampo, fora de campo”. Em Setembro de 2017, o Centro de Audiovisuais do Exército Português (CAVE) acolheu positivamente um projecto de colaboração com a Aleph, nomeadamente na cedência de materiais filmicos para a criação de uma plataforma de conhecimento em linha.

Na sequência desta série de sessões viabilizada pela Cinemateca, organizei ainda, no âmbito da dinamização da Aleph, a conferência internacional *Liberation struggles, the Portuguese “end of empire” and the birth (through images) of the African nations*, que aconteceu, a 27 e 28 de Janeiro de 2016, no Centre for Film Aesthetics and Cultures (CFAC), da University of Reading, e no King’s College London — Camões Centre for Portuguese Language and Culture para internacionalizar a rede, alargar o debate e também reflectir sobre a experiência de criação uma plataforma de filmes. Dado que a base de dados Colonial Film (<http://www.colonialfilm.org.uk>) é uma referência, um dos seus coordenadores, Lee Grieveson, participou no evento (Grieveson&MacCabe, 2011). Também o director da CP-MC, José Manuel Costa, e vários membros de Aleph apresentaram reflexões, posteriormente publicadas em *(Re)Imagining African independence* (Piçarra&Castro, 2017).

Esta edição visa partilhar, em espaço público, o conhecimento sobre os filmes programados neste “campo, contracampo, fora de campo” sobre a colecção colonial da Cinemateca. Nele se revelam descobertas sobre os filmes

mas também há ressonâncias relativas à preservação deste “arquivo”. Muitos títulos não são — ainda — programáveis devido ao estado de conservação em que se encontram as cópias existentes. Porém, pequenos passos nesse sentido, nascidos de uma comunhão de vontades, têm sido dados. Este é um contributo para animar o arquivo dando visibilidade ao trabalho que arquivistas, investigadores, programadores, artistas se empenham em ir fazendo.

O meu agradecimento a todos os investigadores que aceitaram partilhar o seu olhar sobre uma selecção dos filmes da Cinemateca. O meu tributo à Joana Pimentel, iniciadora, na CP, do estudo sobre esta colecção de filmes, e a todos os que, no Museu do Cinema, partilham esta que foi uma das suas paixões, dando sequência ao trabalho dela. Agradeço à equipa de programação que viabilizou a organização e acompanhou as sessões em sala, à Teresa Borges, responsável pelo Centro de Documentação e Informação da CP-MC, pela enorme disponibilidade para partilhar a maioria das imagens que ilustram os textos agora publicados, e à equipa de comunicação desta instituição. Um agradecimento particular ao director do departamento ANIM, Tiago Baptista, que, de modo expedito, organizou, em articulação comigo e a partir de propostas minhas e dos membros da Aleph, as sessões — tarefa nem sempre fácil, devido a questões de conservação dos filmes. Muito obrigada à direcção da Cinemateca, nas figuras de José Manuel Costa e Rui Machado, por ter aceite iniciar este diálogo. Obrigada ao Cine Clube de Viseu, e ao Rodrigo Francisco e ao Miguel R. Cardoso, por viabilizarem esta edição. Finalmente, um agradecimento a todos aqueles — realizadores, membros das equipas dos filmes, testemunhas, e ao público interessado — que participaram nos debates, partilhando histórias e opiniões.

MARIA DO CARMO PIÇARRA  
Aleph — Rede de acção e investigação crítica da imagem colonial  
Email: [redaleph@gmail.com](mailto:redaleph@gmail.com)

# “ANGOLA, UMA NOVA LUSITÂNIA”

## Um filme de propaganda colonial



**Angola, uma nova Lusitânia**  
António Lopes Ribeiro, 1944

**PATRÍCIA FERRAZ DE MATOS**

Apresentação a 31 de Março de 2016<sup>50</sup>

118

O filme *Angola, uma nova Lusitânia* pode ser visionado na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema através do seu Arquivo Nacional das Imagens em Movimento (ANIM) situado em Bucelas, nos arredores de Lisboa. Trata-se de um documentário, de longa-metragem, sonoro, de 1944, com 72 minutos, mas que é considerado incompleto. De acordo com a ficha técnica, inscrita no próprio filme, o documentário foi realizado por António Lopes Ribeiro. A produção esteve a cargo da Agência Geral das Colónias, no âmbito da Missão Cinegráfica às Colónias de África. A fotografia foi da responsabilidade de Isy Goldberger e de Manuel Luís Vieira. A direcção de som foi da responsabilidade de Luís Sousa Santos e de Paulo de Brito Aranha. O assistente de realização foi Carlos Filipe Ribeiro. O locutor foi Pedro Moutinho e a distribuição esteve a cargo da Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas (SPAC).

O autor do texto do filme foi José Osório de Oliveira (filho da escritora Ana de Castro Osório e irmão de João de Castro Osório [dramaturgo, escritor e empresário]) — um escritor que elogiou a presença do elemento africano no Brasil (Oliveira, 1934a, 1940) e se manifestou favorável à mestiçagem (Oliveira, 1934b, 1939), parecendo concordar em alguns momentos com Gilberto Freyre (1900-1987), autor da tese luso-tropicalista (Freyre, 1957 [1933]), segundo a qual os portugueses não tinham problemas em miscigenar-se com populações nativas dos trópicos. De referir ainda que o material deste filme foi previamente projectado durante a Exposição de Construções nas Colónias, no Instituto Superior Técnico.

---

50, Ficha técnica. Título: *Angola, uma nova Lusitânia*. Tipo: documentário, longa-metragem. Som: sonoro. Duração: 72 minutos. Equipa técnica — realização: António Lopes Ribeiro; produção: Agência Geral das Colónias, Missão Cinegráfica às Colónias de África; assistente de realização: Carlos Filipe Ribeiro; fotografia: Isy Goldberger, Manuel Luiz Vieira; direcção de som: Luís Sousa Santos, Paulo de Brito Aranha; operador de som: Américo Nobre; texto: José Osório de Oliveira; locução: Pedro Moutinho; distribuição: Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas. Matos-Cruz (1983) refere alguns dados diferentes daqueles que verifiquei quando visionei o filme; indica, por exemplo, que a realização, texto e montagem do filme esteve a cargo de António Lopes Ribeiro.

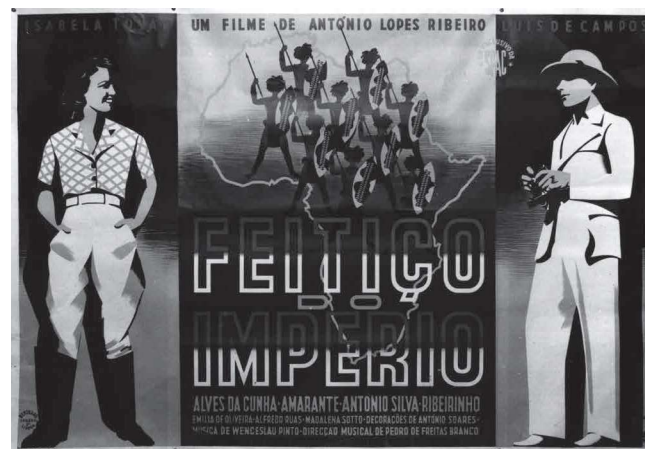
119

### Contexto

A produção deste documentário esteve relacionada com a Missão Cinegráfica às Colónias de África, que consistiu na digressão de uma equipa nacional dedicada de forma exaustiva a recolhas documentais na Ilha da Madeira, Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, entre Fevereiro e Outubro de 1938. Da equipa desta missão fizeram parte: Carlos Selvagem, pseudónimo do major Carlos Afonso dos Santos, chefe; António Lopes Ribeiro, director artístico; Brito Aranha, director técnico; e Isy Golberger, director de fotografia. Os locutores eram Lopes Ribeiro, Pedro Moutinho, Elmano Cunha e Costa e Manuel Ribeiro. Em resultado desta missão, foram rodados vários documentários que vieram a ser lançados até 1946.

Esta missão teve como objectivo fazer um filme documental de longa-metragem, assim como documentários mais curtos de cada uma das então colónias africanas. Nesses documentários procurava-se dar um retrato da selva, dos animais, e dos chamados “batuques”, mas também de uma África “civilizada”, com cidades grandes e em desenvolvimento (Matos, 2013a). O primeiro trabalho desta missão foi produzido ainda no continente europeu com o documentário *Exposição histórica da ocupação* (1937), realizado por Lopes Ribeiro. Depois deste, e ainda integrados nesta missão, destacam-se os seguintes documentários: *Viagem de Sua Excelência o Presidente da República a Angola* (1939); *Guiné, berço do império* (1940); *Aspectos de Moçambique* (assinado em 1941, mas com estreia provável sete anos depois); *São Tomé e Príncipe* (1941); *Angola, uma nova Lusitânia* (1944); *Gentes que nós civilizámos* (1944); *As ilhas crioulas de Cabo Verde* (1945) e *Guiné portuguesa* (1946). O filme de longa-metragem que surgiu em resultado desta missão foi *Feitiço do império* (1940), de Lopes Ribeiro. Trata-se de um filme de ficção que, apesar disso, inclui várias imagens captadas no âmbito da referida missão cinegráfica.

O realizador deste documentário — António Lopes Ribeiro (1908-1995) — foi um “modernista” que encenou fic-



Poster de *Feitiço do império*  
©Colecção Cinemateca Portuguesa

ção política no filme *A Revolução de Maio* (1937) e ficção colonial no já referido *Feitiço do império* (1940). Elaborou documentários sobre importantes obras do regime a nível mediático, como exposições, visitas do chefe de Estado às colónias, entre outros eventos. Por exemplo, os filmes *Portugal na Exposição de Paris* (1937) e *O cortejo histórico de Lisboa* (1947), produzido pela Câmara Municipal de Lisboa e organizado para a comemoração do “VIII Centenário da Tomada de Lisboa”, retratam momentos captados por um realizador informado do que se fazia no estrangeiro e que contactou na União Soviética com realizadores que trabalhavam na propaganda, como Serguei Eisenstein e Dziga Vertov. Manteve diálogo também com alemães e franceses, dos quais terá recebido várias influências. Fundou as revistas *Kino* e *Animatógrafo* e colaborou em várias publicações, como o *Diário de Lisboa* e o *Cine-Jornal*. Em 1941 fundou as *Produções António Lopes Ribeiro* com o suporte literário da segunda série de *Animatógrafo*.

É a faceta propagandística do cinema que se destaca neste documentário. Durante o período do Estado Novo (1933-1974), a propaganda teve vários objectivos. Procurou, por exemplo, através da realização de filmes e da montagem

de exposições (Matos, 2013a, 2014), incentivar a deslocação de indivíduos entre os vários espaços que constituíam o denominado império colonial português. A sugestão de que os portugueses se adaptam facilmente a outros territórios, mesmo que esses se situem nos trópicos, foi aflorada, por exemplo, no filme *Feitiço do império* (1940), em que uma das personagens (Vitorino) refere enfaticamente: “Nós, os portugueses e o mar, somos tu cá, tu lá. E estar em África, é como se estivéssemos na Beira ou no Alentejo”. A ideia de que os trópicos continham elementos semelhantes aos existentes em Portugal, ou de que era possível criar novos *Portugais* em África, foi veiculada através dessa propaganda, estimulando a partida de pessoas da metrópole para as então colónias — espaços de influência portuguesa — mas também a sua deslocação entre alguns desses territórios (Matos, 2013b).

Outra ideia frequentemente veiculada é a de que a colonização portuguesa decorreu de modo original, inovador e humanista; esta pode estar associada ao enaltecimento das capacidades adaptativas dos portugueses a distantes lugares e aos seus habitantes; mas também a ideias feitas, como a de que a colonização portuguesa foi diferente das demais e “boa” para aqueles que estiveram sob a tutela da administração portuguesa. A política imperial e a propaganda colonial, que se desenvolveram a partir do início dos anos 30 do século XX, promoveram assim a existência de um vasto império, que ia de Minho a Timor, mas também a ideia de deslocar-se naturalmente entre esse império, pois todo ele constituía o “mundo português”.

No que respeita à propaganda colonial, foram organismos como a Agência Geral das Colónias (1924-1974), designada por Agência Geral do Ultramar a partir de 1951, e o Secretariado de Propaganda Nacional (1933-1944), que desempenharam um papel fundamental através de exposições, filmes ou da literatura colonial, fazendo com que as ideias sobre o “império” adquirissem uma nova dinâmica. A propaganda podia ser também impressa, com imagens e

postais ilustrados. Foi extensiva ainda ao sistema educativo — através dos livros de leitura do ensino básico e secundário —, ao cinema, à expressão artística (não só a literatura, mas também a arquitectura, teatro, música, pintura e desenho) e à Emissora Nacional (Matos, 2013a).

A grande fase da propaganda oficial sobre o império foi especialmente intensa durante a década dos anos 30, coincidindo com a consolidação da ditadura salazarista. Precisamente porque o novo regime considerava que o português comum não era consciente do património e do orgulho que representava o império, e que a missão imperial podia ser um estímulo e uma justificação para os grandes sacrifícios económicos que deviam ser assumidos pela grande maioria dos portugueses. Foi também durante o Estado Novo que se promoveram políticas para o envio organizado de colonos para determinados pontos do império; estas vinham sendo ensaiadas desde o século XIX (com Sá da Bandeira, por exemplo), embora com pouco êxito. Essa propaganda tinha o objectivo de promover a emigração de colonos para o ultramar, assim como o desenvolvimento de assentamentos coloniais.

A presença portuguesa no “ultramar” foi sempre relativamente pequena, mas foi aumentando e houve a intenção de transformar as colónias de Angola e Moçambique em colónias de povoamento. Desde os anos 20 até ao início dos anos 70 do século XX, o fluxo metropolitano até esses territórios foi crescente e contínuo. Tratou-se de uma mobilidade geográfica, social e cultural entre a metrópole e as colónias, vivida por centenas de milhares de portugueses (Castelo, 2007, p. 15). Para assegurar o seu êxito, a política de emigração apostou na selecção e no crescimento da população branca em África, o que de algum modo funcionou como um processo de engenharia social. Primeiro emigraram na sua maioria homens, mas a partir dos anos 40 aumentou o número de mulheres. Contudo, no que ao sul de Angola diz respeito esse fluxo registou-se ao nível familiar (incluindo homens e mulheres) desde os finais do sé-



*Feitiço do império*  
©Colecção Cinemateca Portuguesa



*Gentes que nós civilizámos*  
©Colecção Cinemateca Portuguesa

culo XIX. A selecção dos colonos era importante, uma vez que deviam contribuir para a criação de novas sociedades e ser um bom exemplo para os nativos africanos. Por essa razão, considerava-se que se deviam escolher “bons portugueses”, sendo estes “brancos”, não pobres e “respeitáveis”. A superioridade dos brancos seria confirmada também por um certo “estilo de vida colonial” pomposo e de ostentação. Além disso, eram os trabalhos de maior responsabilidade e não-manuais que deviam ser atribuídos aos colonos. Esta propaganda procurou ser efectiva, de facto, e tinha como objectivo desviar a população metropolitana de emigrar para outros locais — França, Suíça, Alemanha ou Brasil — e incentivá-la a deslocar-se para Angola ou Moçambique, ou seja, para as principais colónias de povoamento do império português.

#### Descrição do filme

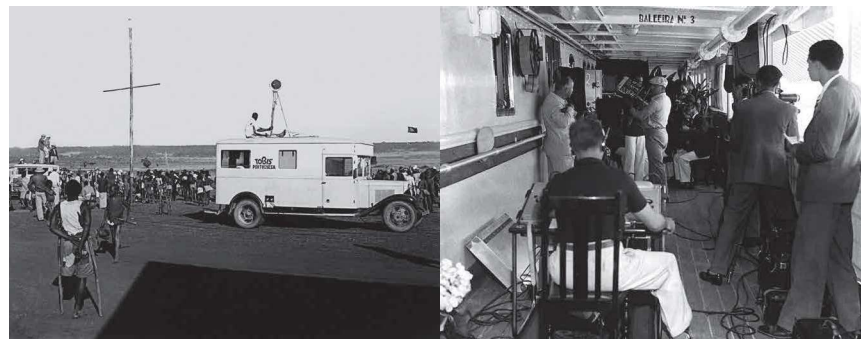
O documentário *Angola, uma nova Lusitânia* (1944) salienta as potencialidades económicas e socioculturais da colónia angolana e exalta a missão colonizadora e evangelizadora de Portugal. Procura ainda transmitir a ideia de que se nos anos 40 os africanos daquele território estavam em paz, aos portugueses o deviam. Para a ilustrar surge o rei do Congo a receber Óscar Carmona, então presidente da República, juntamente com a rainha do Congo e soldados africanos. Segundo o locutor, estes reis tinham uma existência tranquila há muito tempo “porque os portugueses com a civilização europeia levaram para o Congo a paz e a simplicidade dos costumes”. Este discurso era comum numa altura em que se procurava reafirmar a presença do país na Europa. Quem dá voz ao filme, neste caso Pedro Moutinho, diz que cada um dos “indígenas” (expressão utilizada), que “até andam de bicicleta por São Salvador”, é “um testemunho vivo da nossa acção civilizadora”. E continua: “assim procedemos em todos os continentes fundindo a Europa com a Ásia, a África e a América, misturando os produtos do solo e a alma das gentes, tornando tudo igualmente português”.

É dado destaque também à existência de várias igrejas e ao facto de desde o século XV as missões católicas exercerem aí uma acção evangelizadora, embora a missão protestante pudesse ter o mesmo terreno. Assiste-se, por exemplo, a um grupo de africanos alinhados a dirigir-se para uma missa. Na sua maioria são mulheres que estão em tronco nu, algumas com vestido, e todas estão descalças. Isto numa altura em que na metrópole as mulheres assistiam à missa católica devidamente vestidas, sem saias curtas ou decotes, e com um véu na cabeça (Matos, 2013a, p. 102). Numa outra igreja assiste-se ao acompanhamento do cântico de um grupo de africanos por um organista, também africano, o que procura demonstrar os ensinamentos musicais e culturais que estão a ser levados pelos colonos e, especificamente, pelos missionários. O locutor destaca que “todos sabem ler”, “estão a cantar em latim” e “só o esforço paciente e abnegado dos missionários poderia conseguir tal milagre”. Neste contexto, segundo o locutor, “a cruz preside e abençoa o trabalho e a terra de Angola”, na qual Portugal conduz os africanos da “barbárie” para a “luz da civilização”, expondo-se assim a ideia de que, apesar de tudo, os africanos poderiam chegar à “civilização” com o esforço dos colonos. O documentário evidencia ainda o zelo com a saúde dos africanos. Mostram-se laboratórios, hospitais, postos de vacinação, a maternidade de São Salvador do Congo e pequenas casas onde os africanos ficam enquanto convalescem da doença do sono.

Além das cenas em que os africanos surgem de modo passivo no suposto processo de civilização e de evangelização, existem outras nas quais desempenham tarefas: descarregam objectos de um navio no porto do Lobito; trabalham em indústrias e manufacturas, em fábricas de comboios, na construção de estradas, pontes, caminhos-de-ferro, numa fábrica de cana-de-açúcar, e na extração de diamantes. Essas tarefas são amiúde supervisionadas por um ou mais colonos, que por vezes trazem consigo um pau na mão.

Segundo o locutor, “a exploração exerce uma função civilizadora”, isto é, a exploração dos recursos de África feita através do trabalho dos africanos era também benéfica, pois constituía, supostamente, um modo de civilizar os nativos africanos. Uma vez que esse processo era visto como positivo — afinal estavam a civilizar-se os africanos — justificava-se assim a exploração de África nessas condições e procurava-se com esse argumento mostrar a chave para o problema da colonização. E esta ideia de que os africanos estão ali prontos para trabalhar para os colonos contrasta, de facto, com aquela que é transmitida muitas vezes: a de que os africanos são preguiçosos. Entre os recursos familiares oferecidos pela terra africana são nomeados os seguintes: laranjas e tangerinas, algodão, óleo de palma, entre outros.

As pareências entre Portugal e Angola vão além da nomeação de recursos familiares e são reforçadas com expressões que surgem em inúmeros contextos. São disso exemplo as seguintes: “tal e qual uma vila de pescadores do Algarve” e “as crianças são brancas quase todas [...] porque este porto africano é um centro de colonização europeia”, quando o locutor descreve Moçâmedes; “os portugueses [...] ensinam os indígenas a fazer a mesma coisa e por isso mesmo aqui vemos os pretos a consertar as redes exactamente como em Portugal”, quando é apresentado Porto Alexandre, onde se estabeleceram famílias algarvias nos finais do século XIX; “as casas rústicas são iguais, as culturas idênticas e quase a mesma paisagem neste planalto [...] que nem se diria terra africana”, quando é referida a zona da Huíla; “o movimento da estação parece indicar não que estamos no interior de África, mas na fronteira de dois países da Europa”, quando é descrita a estação Teixeira de Sousa de Nova Lisboa, a última estação portuguesa antes de chegar aos limites do Congo Belga. Além da utilização destas expressões, o erguer da bandeira portuguesa em terras angolanas e a interpretação do hino nacional por africanos, através de instrumentos de sopro, reforça a proximidade entre os dois territórios.



Rodagens de *Feitiço do império*  
©Colecção Cinemateca Portuguesa

### Conclusão

*Angola, uma nova Lusitânia* é uma produção dirigida sobretudo aos habitantes da então metrópole portuguesa e contém encenações cujo objectivo é propagandear o regime e as colónias e não tanto informar e/ou divulgar aspectos etnográficos das populações que nele são representadas. Tem como intento transmitir uma consciência colonial, que está associada ao mesmo tempo a uma consciência nacional, num Portugal que se procurava mostrar como uno e indiviso. As suas imagens foram captadas no final dos anos 30, mas a sua divulgação em meados dos anos 40 foi muito oportuna numa altura em que o país se sentiu ameaçado pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e houve a necessidade de afirmar a sua presença nas colónias. Ao longo do filme é apresentada uma política colonial que parece conviver com os postulados da religião cristã, que incluem a igualdade entre todos os seres humanos. Porém, acaba por denunciar um modelo que evidencia a superioridade europeia (e especificamente portuguesa), uma superioridade que pode ser cultural, mas não racial, ou uma superioridade que pode revelar a mistura das duas. Trata-se de um documento que permite suscitar reflexões, de um ponto de vista crítico, sobre uma parte do acervo fílmico da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, nomeadamente aquele que incide sobre a temática colonial.

## Bibliografia

- Castelo, C. (2007). *Passagens para África: O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974)*. Porto: Afrontamento.
- Freyre, G. (1957 [1933]). *Casa Grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Oliveira, J. O. de. (1934a). "O negro: contribuição brasileira para o seu estudo". *O Mundo Português*, 1 (4), pp. 135-38.
- Oliveira, J. O. de. (1934b). "A mestiçagem: esboço duma opinião favorável". *O Mundo Português*, 1 (11), pp. 367-69.
- Oliveira, J. O. de. (1939). "A suposta inferioridade do mestiço". *O Mundo Português*, 6 (62), pp. 57-60.
- Oliveira, J. O. de. (1940). "Os portugueses no Brasil". *O Século: Suplemento dedicado ao império colonial português e às comemorações, nas províncias ultramarinas, dos centenários da fundação e da Restauração de Portugal*, pp. 73-74.
- Matos, P. F. de (2013a). *The colours of the empire: racialized representations during Portuguese colonialism*. Oxford & Nova Iorque: Berghahn Books.
- Matos, P. F. de (2013b). "Entre el mito y la realidad: desplazamientos de personas, propaganda de Estado y imaginación del imperio colonial português". *Studia Africana*, 24, pp. 11-28.
- Matos, P. F. de (2014). "Power and identity: the exhibition of human beings in the Portuguese great exhibitions". *Identities. Global studies in culture and power*, 21 (2), pp. 202-218. doi: 10.1080/1070289X.2013.832679
- Matos-Cruz, J. de. (1983). *António Lopes Ribeiro*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.

## PATRÍCIA FERRAZ DE MATOS

é Investigadora de Pós-Doutoramento no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (UL) onde colabora no Curso de Doutoramento em Antropologia. Licenciou-se em Antropologia (1997) na Universidade de Coimbra. A sua tese de mestrado sobre representações raciais — "As 'côres' do império" (2004) — foi laureada com o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea 2005 e publicada pela Imprensa de Ciências Sociais (Lisboa, 2006 [1.<sup>a</sup> edição], 2012 [2.<sup>a</sup> edição]) e pela Berghahn Books (Oxford & Nova Iorque, 2013). Doutorou-se em Antropologia Social e Cultural, no ICS-UL, com uma tese sobre Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto (2012). Foi distinguida com o Prémio ERICS (ICS/CGD) na categoria de artigo científico (2014).

Texto composto em caracteres Times New Roman, da Monotype,  
desenhados por Victor Lardent e Stanley Morrison,  
e Nimbus Sans, da URW++.





**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

**REPÚBLICA PORTUGUESA**  
MINISTÉRIO DA CULTURA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**CECS**  
Centro de Estudos  
de Economia e  
Sociologia